

Carta da Argentina já chegou ao FMI, mas ainda não foi analisada

WASHINGTON — O diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, comunicou à diretoria-executiva, na reunião ordinária de ontem, ter recebido da Argentina a carta de intenção delineando o programa de ajustamento que o governo Alfonsin julga exequível, mas que nem sequer tinha tido tempo de ler o documento. Larosière explicou que o texto estava em espanhol e teve de ser vertido para o inglês. Hoje, o diretor-gerente do FMI deverá avistar-se com a missão que enviou a Buenos Aires e cujo retorno era esperado ontem à noite. O chefe da missão, Eduardo Wiesner, recebeu cópia da carta na capital argentina, mas o texto não espelhava um acordo com os técnicos e, sim, a posição unilateral do governo Alfonsin sobre como devem ser conduzidas as finanças e a economia do país.

Larosière disse aos 22 diretores da instituição — que representam os 146 países-membros — que só depois da chegada da missão terá mais informações sobre as negociações com a Argentina. Mas procurou tranquilizá-los, afirmando que as negociações não foram interrompidas, que a carta de intenção não é um documento definitivo e que os argentinos disseram estar dispostos a continuar dialogando com o Fundo. Tão logo tenha novidades, informará a diretoria, acrescentou.

“ÚLTIMO MOMENTO”

Mas, por baixo da superfície, ninguém está muito tranquilo. Um diretor-executivo do FMI acha que o que a Argentina está fazendo é bom, porque “assusta um pouco”. Um banqueiro especializado em risco, de um dos grandes bancos americanos, disse que os bancos “estão apavorados” com a questão argentina e com o impacto que sua resistência pode exercer sobre as ações em Wall Street. Uma fonte ligada ao comitê de bancos que assessorava o governo Alfonsin afirmou que está “trabalhando duramente para evitar uma crise no último momento”.

O “último momento” a que se refere é o próximo dia 30, quando os atrasos de pagamentos da Argentina chegam ao final dos 90 dias de prazo, além do qual a legislação bancária dos Estados Unidos obriga os bancos a registrá-los como prejuízos. Como se sabe, no final de março, Brasil, México, Venezuela e Colômbia levantaram US\$ 300 milhões entre eles para ajudar a Argentina a saldar compromissos atrasados de US\$ 500 milhões. Os 11 bancos de seu comitê assessor entraram com mais US\$ 100 milhões e o governo argentino com US\$ 100 milhões. Mas, segundo fontes bem informadas, para que os bancos emprestassem US\$ 100 milhões, a Argentina foi obrigada a dar uma garantia colateral do mesmo valor, na forma de um depósito no banco da Reserva Federal de Nova York.

As opiniões variam sobre quem foi salvo daquela vez, o governo Alfonsin ou os bancos. Provavelmente, ambos. O Tesouro prometeu aos argentinos um empréstimo-ponte de US\$ 300 milhões, para que possam saldar sua dívida com os quatro países latino-americanos. Mas o empréstimo do Tesouro depende de a Argentina entrar em acordo com o FMI e o prazo para isso terminará amanhã. Poucos acreditam que o prazo não será estendido. Mas fontes argentinas disseram que, se não for, de qualquer maneira o governo Alfonsin tem como prioridade pagar aos países latinos e não aos bancos.

“ELA TEM O DINHEIRO”

No final de junho, a Argentina terá outra vez de pagar mais de US\$ 500 milhões de juros atrasados. “Ela tem esse dinheiro. Calculamos suas reservas líquidas em no mínimo US\$ 1 bilhão”, disse um banqueiro ao *Estado*. Mas a questão é saber se a Argentina vai querer usar suas reservas para esse fim. Seus negociadores já disseram estar dispostos a entrar com mais do que entraram em março, mas não com tudo. Os bancos também teriam de entrar com mais. Analistas dentro e fora do governo americano acreditam que a Argentina e seus credores encontrarão uma solução no último momento para o problema dos atrasados. Mas o país ainda terá de resolver outros problemas com seus credores: a dívida que vence este ano (principal) está entre US\$ 18 e US\$ 20 bilhões, os juros que terá de pagar em 1984 superaram US\$ 5,5 bilhões. De dinheiro novo dos bancos, a Argentina vai precisar de US\$ 3 bilhões a US\$ 4 bilhões admitindo-se a hipótese de que consiga algum recurso do FMI.

Segundo uma fonte, a Argentina deve US\$ 1 bilhão ao Manufacturers Hanover, o que corresponde a 53% de seu capital. Com esse tipo de risco, não é de admirar que as ações do Manufacturers estejam perdendo valor no mercado, assim como a de outros grandes bancos. A “exposure” do Citibank na Argentina é de US\$ 1,4 bilhão, segundo a mesma fonte, o que equivale a 30% de seu capital. A do Chase Manhattan é de US\$ 1 bilhão, ou 33% de seu capital, e a do Bank of América, de US\$ 1 bilhão, ou 24,5% do capital. Esses quatro bancos, portanto, respondem por 10% da dívida externa argentina e estão sendo chamados a assumir mais riscos. Diante da gravidade da situação, Paul Volcker, chairman da Reserva Federal dos Estados Unidos, anteontem mandou um recado à Argentina, sem citar o país. Num discurso perante a Sociedade do Japão, em Nova York, disse que “movimentos democráticos nascentes podem requerer o consenso interno, mas não podem florescer pela via da inflação e do isolamento econômico”.

(A.M.P.N.)